

# A AFIRMAÇÃO DE TERRITORIALIDADES ATRAVÉS DOS SABERES E DOS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE

Bruna Dayane Xavier de Araújo<sup>1</sup>

## Resumo

A presente pesquisa enveredou-se sobre as experiências de usos de plantas medicinais realizadas pelas agricultoras no território do Cariri cearense, nordeste do Brasil. A região do Cariri é composta por uma chapada e vale que acolhe a Floresta Nacional do Araripe, de uma significativa biodiversidade de flora e fauna e que possui particularidades em relação à construção de saberes populares gestados na confluência de matrizes indígenas, europeias e africanas. Este estudo analisou as estratégias das práticas de saúde desenvolvidas pelo grupo de mulheres *Meizinheiras do Pé da Serra*, localizado na comunidade Chico Gomes, Crato, município pertencente à região do Cariri cearense. As meizinheiras materializam os saberes sobre plantas medicinais e realizam uma alquimia de remédios caseiros, os quais são utilizados no cuidado de seus corpos, de suas famílias e da comunidade. Desse modo, nas atividades cotidianas, elas reconstróem um saber que vem sendo repassado por gerações ao longo do tempo. O caminho metodológico da pesquisa foi constituído a partir das seguintes etapas: levantamento bibliográfico, pesquisa documental e trabalho de campo. A partir da imersão nesses processos, foi possível compreender a experiência do cultivo e uso de plantas que curam e de que maneiras isso reverbera na vida das participantes. Desse modo, as categorias analíticas que perpassam a pesquisa foram: Território, Saúde e Memória. No intuito de perceber como elas compreendem e ressignificam seus territórios. Compreendendo-os que estes são construídos através de relações de poder, de constante afirmação e construção de territorialidades. No contexto em que vivem, são permeados por disputas e conflitos velados, a maneira que elas encontraram para fixar raízes no local, foi através da afirmação e fortalecimentos dos saberes ancestrais que formam a comunidade, como por exemplo: os usos de plantas medicinais. Essas mulheres constroem também uma concepção integrativa de saúde que acolhe as dimensões física, emocional, espiritual e social. Elaboram alternativas terapêuticas à biomedicina, que nem sempre atende às demandas de saúde local. Os saberes de que são portadoras apresentam-se, ainda, como emblema da memória individual e coletiva e, sobretudo, dos conhecimentos populares locais que consolidam suas identidades enquanto categoria sociopolítica de camponesas. Contudo, para criarem raízes mais profundas é preciso um diálogo efetivo com os jovens, a fim de que eles deem continuidade à transmissão desses legados; uma aproximação do o sistema oficial de saúde e o fortalecimento dos encontros das meizinheiras do Chico Gomes com as demais meizinheiras da região, para que juntas construam uma rede que viabilize os debates e reflexões, aperfeiçoando os saberes e processos de difusão, tornando, assim, as práticas tradicionais de saúde cada vez mais atuais.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais, Território, Memória, Saber Popular, Agricultura Familiar.

## Introdução

*“Medicinas populares são, sobretudo, ‘medicinas das pessoas’. Elas dão-se o tempo da palavra ou da escuta, o tempo do gesto, e do silêncio” (Le Breton)*

O uso de chás, banhos, infusões e outros produtos provenientes de plantas medicinais é algo que faz parte da história de diversas organizações sociais. Traduz os caminhos das

---

<sup>1</sup> Geógrafa. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Professora Substituta da Universidade Regional do Cariri. (e-mail: bru.arauj@gmail.com.)

sociedades em busca de bem-estar e saúde, revela as formas de recorrer a elementos naturais para algum tipo de alívio e/ou cura de determinadas doenças.

Os indícios de uso terapêutico de plantas foram encontrados nas sociedades antigas, tais como as egípcias, mesopotâmicas e medievais. No Brasil, a utilização de plantas medicinais se dá por uma confluência das matrizes étnicas: indígena, europeia e africana. Atualmente, encontra-se presente nos espaços urbanos e rurais, tecendo o saber popular brasileiro.

Este artigo<sup>2</sup> desvela os saberes terapêuticos de práticas populares de saúde, também chamada de medicina popular, desenvolvidas pelo grupo de mulheres *Meizinheiras do Pé da Serra*, situado na comunidade Chico Gomes, localizada a oito quilômetros da sede do município de Crato, região do Cariri, ao sul do Ceará. Está, portanto, localizada numa região de chapada e vale que acolhe a Floresta Nacional do Araripe, de vasta biodiversidade de flora e fauna e que possui particularidades na construção de saberes gestados na junção de matrizes indígenas, europeias e africanas.

As agricultoras cultivam plantas medicinais ou recorrem à vegetação próxima de suas moradias e produzem remédios caseiros, como lambedores, chás, banhos, infusões, unguentos, garrafadas e sabonetes, além de usar folhas para benzeduras. As integrantes do grupo<sup>3</sup> se reúnem, compartilham entre si os saberes e desenvolvem coletivamente os medicamentos caseiros para atenderem as suas demandas, de suas famílias e da comunidade. Atualmente, quatro mulheres que compõem o grupo estão mais à frente desse processo: Dona Rina, Dona Auxiliadora, Dona Penha e Dona Iraci<sup>4</sup>, que guardam o conhecimento da comunidade sobre o uso de plantas que curam.

As meizinheiras, como essas agricultoras que produzem remédios caseiros à base de plantas são chamadas, constroem uma concepção ambiental singular na qual elas se sentem pertencente à natureza. A concepção de saúde, para o grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, por exemplo, se insere em uma dimensão integrativa. Em outras palavras, o aspecto espiritual, o

<sup>2</sup> Artigo fruto da dissertação de mestrado *Raiz da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas meizinheiras do Cariri cearense*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizada no período de 2014 a 2016.

<sup>3</sup> O grupo é composto por mulheres do campo. Sua composição varia nos encontros, chegando a participar entre quatro a doze camponesas.

<sup>4</sup> Os nomes das meizinheiras e dos demais sujeitos sociais entrevistados são reais. Os participantes concordaram com essa divulgação dos nomes, dos áudios e de imagens.

bem-estar, a interação com a natureza, a responsabilidade social e o corpo saudável compõem o significado do que é estar saudável.

Os saberes terapêuticos do qual são portadoras apresentam-se como emblema da memória individual e coletiva e, sobretudo, dos conhecimentos populares locais acumulados e que vêm sendo repassado através de gerações ao longo do tempo.

O percurso trilhado para o desenvolvimento deste estudo, substancialmente, consistiu em: revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. Neste último, participamos das atividades cotidianas do grupo, registros fotográficos e entrevistas com as integrantes do grupo e com os demais interlocutores identificados *in lócus*.

Dessa forma, conduzimos a pesquisa a partir de uma dimensão interdisciplinar, e dois aspectos foram fundamentais. O primeiro diz respeito a uma aproximação entre o saber científico e o saber popular, propomos o entrelaçamento entre o debate teórico sobre plantas medicinais e as experiências das pessoas que constroem os discursos a partir do que é vivido no cotidiano. O segundo ponto foi a conexão entre diversas áreas do conhecimento, tendo a Geografia como ponto de partida; para tanto, percorremos as áreas da Antropologia, Sociologia, História e Saúde.

No que concerne ao desenvolvimento metodológico para entender as práticas empregadas pelas mezinheiras, lançamos mão de uma abordagem qualitativa. Além disso, recorreremos aos princípios de observação e imersão na escuta das narrativas pautadas nas experiências concretas do cotidiano dessas agricultoras. Concordando, assim, com Minayo (2008, p. 24), que afirma que “[o] universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam”. Nesse sentido, se demonstra o quão importante é discutir os símbolos que compõem a vida das pessoas. Para Carvalho (2001), é importante repensar uma ciência pós-colonial, fortalecida a partir das raízes culturais locais. Assim, ao pesquisar os costumes cotidianos das populações tradicionais, esta pesquisa insere-se no debate sobre o fortalecimento das identidades, da ressignificação cultural e da articulação destas populações como forma de resistência às investidas da lógica homogeneizadora do capital.

O autor pontua que o que está em jogo, de fato, é a luta pelo controle das narrativas históricas; dar ênfase às vozes, às concepções de mundo das pessoas em condições de subalternidade a partir da valorização da pluralidade contidas nas atividades culturais do cotidiano: “Ao contarem sobre suas histórias permite o sujeito uma capacidade de se

representar e de devolver a compreensão de mundo maior que aquele em que lhe foi dado mover-se e também por ousar negar-se uma re-subjetivação que lhe vem sendo imposta” (CARVALHO, 2001, p.133).

Este trabalho tece uma sistematização de vivências que acontecem no cotidiano desta localidade rural do Crato, semelhante a diversos lugares do espaço agrário nordestino e do Brasil. Buscamos apresentar relatos de práticas tradicionais de saúde e as singularidades de nossas raízes interioranas e das cosmovisões que compõem o universo dos camponeses.

### **As ervas medicinais: saberes, usos e percursos**

O uso de plantas para fins terapêuticos é considerado uma das práticas mais remotas utilizadas em diversas sociedades para prevenção e tratamento de doenças. Constituindo-se como um saber ancestral que vem sendo repassado através de gerações ao longo do tempo.

No Brasil, as experiências com vegetais voltadas para a cura são frutos das influências culturais que constituem o saber popular. Este é desenvolvido por pessoas a partir do convívio com o ambiente, apropriando-se e (re)construindo-o nas experiências cotidianas. O saber popular está veiculado ao local onde está sendo (re) e dialoga com outros saberes tanto locais quanto exteriores.

Dos indígenas, veio o conhecimento das propriedades farmacológicas da flora brasileira. A utilização de recursos mágicos e sobrenaturais empregadas pelos antigos pajés são importantes atributos dessa tradição. [...] A medicina que veio nos navios negreiros era caracteristicamente fetichista e mística. “Muito dos escravos que para aqui vieram eram curadores, raizeiros e versados na arte dos feitiços”. (ARAÚJO, 1999, p. 17).

Em rituais nas religiões afro-brasileiras, as folhas desempenham um papel funcional e simbólico, sendo de vital importância nesses momentos. Vasconcelos (2006) explica que existe uma afirmação, *kosíwe, kosí orixá*, que significa: sem folha não há orixá. As folhas são possuidoras de uma energia e de um poder que, nestas religiões, são colocadas como axé. A força e a proteção dadas ao vegetal são representadas pelo Orixá Ossaim, “Senhor das folhas”, que orienta com sabedoria a realização de preparos usados magicamente tanto nos rituais quanto nos remédios.

Uma parte significativa da população do país é adepta às práticas de cura e ao

conjunto de ações de saúde popular, devido à grande biodiversidade e às dificuldades de acesso ao atendimento público de saúde. Matos (2002) coloca que aproximadamente cerca de 82% da população brasileira utiliza produtos à base de plantas medicinais nos cuidados primários de saúde. Mesmo com poucos estudos que confirmem a sua eficácia, a planta medicinal, fresca ou seca, é utilizada por até 90% da população menos abastada do Nordeste para a solução dos problemas de saúde. Os remédios caseiros produzidos a partir das plantas medicinais tornaram-se uma forma de promoção de saúde e de autonomia das populações do campo.

O sertanejo, em seus instantes de aflição e levando em consideração que os animais acometidos por um mal qualquer procuram alívio muitas vezes em certas raízes e plantas [...], foi a pouco e pouco sanando os possíveis obstáculos à recuperação da saúde, experimentando, para seus achaques, mezinhas obtidas pela maceração, infusão ou cozimento de raízes, folhas de algumas ervas e cascas de arbustos e árvores existentes na sua geobotânica. (CAMPOS, 1967, p. 27).

As práticas tradicionais de saúde se veiculam a uma determinada visão de mundo, de doença, de organismo e de saúde próxima ao universo de experiência da população que a consome. Assim, a relação entre os agentes de cura e as pessoas que procuram os benefícios acontece de forma mais horizontal do que na medicina hegemônica, onde o médico é visto como o único detentor do conhecimento e por meio da qual muitas vezes se constrói uma relação de submissão, hierarquia e de pouca segurança.

As práticas de saúde popular são caracterizadas pelo valor da ancestralidade, mas também estão em constante transformação, encontram-se com diversos conhecimentos contemporâneos. Os encontros vão fortalecendo e acumulando debates, construindo processos híbridos e dinâmicos de práticas populares de cura. “Essas práticas, nascidas no meio de relações entre sociedade, feita por ela e com respostas às suas necessidades, são permanentemente atualizadas. Por serem práticas fecundas e dinâmicas, elas são constantemente (re) inventadas” (OLIVEIRA, 1985, p. 26). Estas práticas são formadas por um conjunto de expressões que se modificam historicamente.

Esses atos não estão estáticos; eles vão se reatualizando, moldando, com a característica atual das comunidades contemporâneas, a especificidade de cada lugar a partir de um diálogo entre o global e o local. Essas práticas devem ser entendidas como parte de um processo histórico vivo e atual; possui movimentos de transformações e recriações. É a mutabilidade que as torna bastante atuais.

## **As mezinheiras do Cariri e as experiências com uso de plantas medicinais**

A comunidade Chico Gomes localiza-se a oito quilômetros da sede do município do Crato, região do cariri, sul do estado do Ceará. O processo histórico de ocupação da localidade, assim como o Crato, se deu a partir dos engenhos, com a produção de cana de açúcar.

A comunidade possui, atualmente, 47 famílias. A grande maioria pratica agricultura familiar e tem a renda complementada pelos programas sociais do governo federal. Os demais residentes trabalham no setor secundário – especialmente na indústria da Grendene e no setor de serviços, em escolas, posto de saúde e comércio. Chico Gomes possui um rico legado cultural, destacando-se, nesse caso, atividades vinculadas à dança local, como o coco. Dentre as formas de organização destaca-se também o grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, criado em 2012, que surgiu do interesse em fortalecer e sistematizar os saberes e as práticas de saúde popular. As principais integrantes, que estão mais à frente das atividades do grupo, são Dona Rina, Dona Iraci, Dona Penha e Dona Auxiliadora.

Geertz (1997) expõe que, ao “nadarmos na corrente de experiências” das pessoas que estamos estudando, é interessante compreender como elas determinam suas culturas, quais as formas simbólicas que elas utilizam para representarem a si mesmas e os outros: “Para entendermos as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos as experiências de outros com relação à sua própria concepção do eu” (p. 64). É preciso, portanto, nos atentarmos para a maneira de viver das pessoas e quais são os veículos através do qual seus modos de vida se manifestam.

Nas experiências em campo, nos discursos e nas práticas de sociabilidade analisadas, uma característica evidente é a identidade dessas camponesas com as atividades de mezinhas. Originário do latim, o termo mezinha é bastante comum na região do Cariri cearense, e significa remédios ou receitas caseiras. Campos (1967) explica que os conhecimentos de mezinhas permeiam a vida dos sertanejos. Esse termo também é entendido como os ensinamentos que trazem mais conforto e bem-estar para a população sertaneja que tem nos conhecimentos tradicionais meios para sobreviver. Os detentores das mezinhas não as compreendem como um conhecimento particular, que deve ficar guardado, mas como saber universal, ao qual todos são dignos de terem acesso.



As mulheres do grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* trazem consigo a experiência de trabalhar na agricultura, da vivência na mata, dos cuidados com a casa, das gestações, de criação dos filhos, assim como do uso das ervas medicinais nas práticas de cuidado com a saúde. Dona Rina, ao relatar a importância das plantas medicinais para ela, coloca:

Cada planta que tem aqui é uma serventia para fazer remédios. Meus nove filhos criei assim fazendo chazim, os lambedor. Assim que criei eles. A gente acaba num tá necessitando o tempo todo tá ao pé do médico. Os primeiros socorros é aqui. Tem receitas para várias coisas, até mesmo quando se tá triste... tem para ficar mais alegre, tomar chá de alecrim e alfavaca. Para pressão é bom tomar chá de colônia mais erva cidreira e capim santo. Não gosto de tomar comprimido, dá uma sensação ruim no estômago. Me cuido mais com remédios do mato. (informação verbal)

Dentre os produtos, o que Dona Rina faz com mais frequência é o lambedor, no qual é utilizado jatobá, imburana e moçambê.

Ele sirvi muito para arrancar o catarro do peito, para aquela tosse seca. Eu faço esse lambedor para os meus filhos e para as pessoas que procurá. Faço para criança também, só com a malva do reino, cebolinha branca, pepaconda, contra erva e eucalipi (informação verbal).

Mesmo sem contar com muitos recursos, elas contribuem na vida de muitas pessoas e desempenham papéis importantes na comunidade. Sobre a riqueza do local, a importância da natureza e a utilização das mezinhas no cotidiano, Dona Iraci explana sabiamente que:

A gente mora aqui no pé de serra, a gente mora dentro da medicina. Nós tem as nossas mezinhas, as nossas plantinhas de ervas. A malva do reino, o alecrim, erva coronha, a babosa e sempre a gente faz os nossos lambedor. Já tenho dito que a gente mora dentro da medicina, das mezinhas do mato, das raíz que curam (informação verbal).

A grande maioria dos moradores é adepta das mezinhas. Dona Lenita, moradora da comunidade, possui 80 anos e relata que conhece muitas ervas, que foi assim que cuidou dos filhos e de sua saúde. Já participou de algumas atividades do grupo das meizinheiras. Hoje, devido à idade avançada, não produz mais remédios e nem participa mais dos encontros. Mas considera o trabalho das vizinhas bastante importante e, geralmente, recorre às garrafadas, xaropes e demais remédios caseiros feitos por elas, que são a “fonte” para acessar remédios caseiros.

Eu sempre fui cuidada com remédio do mato. Eu não faço mais devido as minhas condições, mas eu pego os xaropes com as meninas, assim, nem sempre preciso

recorrer a farmácia. Aqui esses remédios das mezinheiras é algo que faz bem para muita gente, que cura muita gente e tem muito valor. Desde que eu me conheço por gente, as pessoas usam mezinhas, as plantas como remédio (informação verbal).

Auxiliadora, também mezinheira, é conhecedora de banhos e chás para diversas doenças. Produz garrafadas para várias enfermidades, como, por exemplo, para inflamação, sendo utilizada por mulheres pós-parto, auxiliando na recuperação e tratamento de inflamação. Auxiliadora descreveu como aprendeu a fazê-las.

Quando minha mãe ficava grávida ela fazia garrafadas, quando estava com cinco a seis meses de gravidez. Olha bem, ela pegava uma garrafa, aí ela botava Imbiriba, gengibre, vassourinha, raiz do chanana, casquinha do marí. Aí, ela colocava tudo dentro da cachaça. Nesse tempo a gente não tinha geladeira, ela enterrava a garrafa, quando ela tirava, tava apurada. Sempre teve filhos com parto normal, ela começava a tomar a garrafada. Foi assim que aprendi (informação verbal).

Das mezinheiras, Auxiliadora é a que mais se destaca no aspecto espiritualidade-mezinha. Ela é considerada a rezadeira da comunidade. Relata que começou a rezar aos dez anos de idade, e desde então busca contribuir na saúde das pessoas. Campos (1967) explana que rezador/rezadeira destaca-se pelo poder das rezas e práticas místicas com que trata as enfermidades que acometem pessoas e animais. Afirma o autor sobre estes agentes: “É um organismo vivo, uma força latente entre a vida e a morte das populações rurícolas do Nordeste, onde continuam insuficiente os médicos e é modestíssimo o interesse do poder público pela saúde do povo” (CAMPOS, 1967, p. 39). Na vida de Auxiliadora, os remédios caseiros são atrelados às orações.

Eu me lembro que aos dez anos, quando estava brincando com amigos, uma amiga estava se sentindo mal, fui no mato peguei uma folha de uma planta e comecei a rezar. Não queria que vissem a reza. Só sei que a menina ficou boa. Foi assim que comecei a rezar nas pessoas, com folhas de pião e vassourinha (informação verbal).

É importante salientar que as rezadeiras/ benzedadeiras compõem o mundo das práticas de saúde popular, vinculando as plantas às palavras que são entoadas junto com as plantas, em um processo de repetição das preces e dos movimentos. Nas orações, Auxiliadora utiliza folhas de vassourinha e pinhão roxo. Compreendemos, assim, o processo integrativo desta terapia, tendo a natureza como espaço que acessa elementos importantes para a cura física e espiritual.

As praticas de mezinhas tem como base seu território. A terra tem valor prático, material; é fonte de produção de alimentos e das ervas medicinais. A relação com a terra se



estende de diversas formas para as mezinheiras e para os demais moradores da comunidade. É assento onde construíram as casas e desenvolvem as relações cotidianas, contudo, também possui um significado simbólico, é o recorte espacial pertencente aos seus ancestrais, onde se passaram suas histórias de vida e onde construíram suas identidades.

Essas mulheres se inserem na categoria sociopolítica camponesas; desenvolveram atividades ao longo da vida vinculadas à agricultura, tendo o modo de viver ligado à relação com a natureza, terra-território. O conceito de camponês, para além da atividade econômica, como produtor de alimentos, possui outras características. Por exemplo, o legado cultural passado de geração a geração ao longo do tempo, os costumes, principalmente, na estrutura familiar, a religiosidade, as festas populares e também o trabalho cooperativo baseado nos membros que compõem a família. Guzman e Molina (2005) atentam para o fato de que não se deve querer definir com precisão e exatidão um grupo social que existe há tanto tempo e passa por constantes transformações. Assim os autores compreendem que os camponeses detêm:

Uma forma de manejar os recursos naturais vinculados a agroecossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento sobre tal entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e o grau de apropriação de tal tecnologias, gerando-se assim distintos graus de 'camponesidade' (GUZMAN; MOLINA, 2005, p.78).

Existem especificidades que devem ser levadas em consideração ao tratar com os camponeses, como a sua relação com o ambiente no qual estão inseridos e as relações sociais e culturais que influenciam os seus modos de vida. Esse grupo social é antagônico à categoria dominante presente no campo, os latifundiários, no Nordeste conhecidos pelas práticas de coronelismo.

Assim, devido à lógica da do capital, que também está inserida nos territórios rurais, os camponeses sofrem grandes opressões das classes dominantes, omissão por parte do Estado e dificuldades para se inserirem no mercado. Além disso, a especulação nas suas terras é constante. Nessa conjuntura, a aliança com sindicatos, movimentos e associações que defendam os interesses camponeses é o que torna a luta mais fortalecida, pois unidos formam um conjunto consolidado e que tem visibilidade perante a sociedade. Carvalho (2005, p. 171) expõe que

O campesinato, enquanto unidade da diversidade camponesa, constitui-se num sujeito social cujo movimento histórico se caracteriza por modos de ser e de viver que lhes são próprios, não se caracterizando como capitalista, ainda que inserido na economia capitalista.

Ser mezinheira é uma das modalidades que compõem a categoria política e cultural do campesinato. As mezinheiras vêm construindo uma relação com a terra e com o ambiente, desenvolvem suas atividades na agricultura e praticam processos de pertencimento e fixação no território, respeitando seu modo de vida. Transformam a paisagem local, se apropriam dos elementos da natureza e desenvolvem as práticas sociais nesses contextos. Contudo, de forma diferente da lógica capitalista, a relação com a terra–meio ambiente é de troca.

Atualmente, a terra-território onde as mezinheiras vivem é o espaço concreto no qual as agricultoras desenvolvem suas relações socioculturais. Tendo como ponto de partida o estudo sobre território estamos buscando evidenciar no seio social as relações de domínio, de poder, as lutas de classes e as forças ideológicas presentes em um dado recorte espacial. Raffestin (1993) explica que a noção de território está ligada à noção de limite, pois mesmo não sendo traçado, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. O autor expo e que “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela as relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN,1993, p. 143-144).

Diversos sujeitos e grupos sociais se apropriam concretamente de um território, produzem relações de forças contrárias através das quais vão colidindo na defesa de seus interesses e projetos ideológicos. Fernandes (2005) nos mostra que o território possui um caráter multidimensional, político, econômico e cultural. É um espaço dialético de convenção e de confrontação. A existência, assim como a destruição, será determinada pelas relações sociais que dão movimento ao espaço. Assim, o território é espaço de liberdade e dominação, de expropriação e resistência. À medida que as atividades territoriais se tornam mais complexas, vão gerando processos de desterritorialização reterritorialização. Atores perdem os territórios, outros se apropriam, existe uma energia em busca de reapropriação e, do mesmo modo, o fluxo vai se desenvolvendo.

Carvalho (2010) coloca que a contradição principal no campo é a disputa pela terra e que o campesinato é uma classe social. O camponês é um sujeito social histórico e a perda da terra significa para eles a extinção da própria condição de ser camponês. Nesse sentido, em contrapartida à lógica que os oprime, os agricultores se organizam a partir de um projeto pensado com base na visão de mundo do campesinato.

No território estudado, a comunidade Chico Gomes, o percalço encontrado é o fato de que os habitantes se encontram na situação de moradores de condição. Os residentes não têm a

posse da terra; moram em terras particulares. Martins (1981) explana que morador e colono são formas camponesas dependentes de que se valeu a plantagem pós-abolicionista; a elas pode-se acrescentar as diversas modalidades de parceria, meação e pequeno arrendamento que se difundiram por todo o País. Acrescenta-se, ainda, a quarteação do vaqueiro, aquela forma de relação de produção em que o vaqueiro recebia um bezerro em cada quatro; isso já existia no escravismo colonial e persistiu após a abolição da escravatura no Nordeste e em Minas Gerais.

No sítio Chico Gomes, as condições de vida e trabalho estão atreladas à relação com o dono da propriedade. O que os moradores podem desenvolver e cultivar, quais animais podem criar depende da autorização do titular das terras, que faz esse controle. Muitos entraves aparecem na vida dos habitantes de Chico Gomes, por não possuírem a titulação das terras. Por exemplo, para darem entrada no pedido de aposentadoria, eles têm que pedir uma declaração, que possui o efeito de comprovante de residência, ao titular da propriedade. Muitas vezes esse processo é repleto de constrangimento e humilhação. Os moradores, além disso, perdem muitos benefícios sociais, como de créditos e incentivos, por não serem proprietários das terras em que vivem. Já a relação com o “patrão” é permeada por uma vigilância silenciosa, de um medo e também de alguns benefícios que faz persistir essa convivência paternalista. Esta realidade do sítio do Chico Gomes se iniciou, para os pais e avós dos atuais habitantes, com o período de produção canavieira. Martins (1981, p. 65) explica que

No Nordeste, a crise da cana de açúcar levou os senhores de engenho a arrendar suas terras a foreiros, torando-se absenteístas, vivendo em outros lugares. Quando os preços do açúcar se elevaram, passaram a expulsar o seus foreiros. [...]. Os que não foram despejados acabaram transformando-se em moradores de condição, sujeitos a dar um crescente número de dias de trabalho ao canavieiro. Sob pagamento inferior do que os trabalhadores de fora da fazenda.

Atualmente, uma parcela dos moradores trabalha para o patrão. Os demais residentes apenas continuam a morar no sítio, como é o caso das mezinheiras que já não pagam mais a renda da terra. Este grupo é o mais vulnerável, pois não possui nenhum motivo que lhe assegure a permanência nesse território. O que predomina é a lei do silêncio e a falta de direitos trabalhistas. Existe, ainda, uma violência simbólica, a violência do medo. A memória da violência social que reinava no período de apogeu da cana de açúcar afasta qualquer visão bucólica e fraternal das interações entre as classes. O que prevalece nas relações entre

moradores e patrão é o ar de ameaça e a convicção da impunidade, especialmente por causa da omissão do Estado.

Outra questão atual colocada pelos moradores são as proibições que lhe são impostas, por exemplo: as casas são construídas de taipa, não podem se edificadas de tijolos, pois se tornaria benfeitoria muito perigosa. Seria uma forma de fixação- um enraizamento- dos moradores no sítio. Por direito eles são os verdadeiros possuidores desta terra, devido ao tempo em que moram nela, lugar que os pais e avós também moraram. Contudo, nesta disputa de poder, para saírem dessas condições de subalternidade, os moradores têm que desenvolver um processo de organização bastante coesa, se organizar coletivamente em busca dos direitos à terra e, conseqüentemente, a liberdade, autonomia e sustentabilidade, garantindo condições mais tranquilas para si e para as gerações.

Há uma relação de afetividade com o lugar, e as práticas populares de cuidado com a saúde e a organização em torno destes hábitos trazem reconhecimento e fortalecimento do território. Inconscientemente ou não, as mezinheiras desenvolvem atividades de resistência e disputa do território, ao se afirmarem nele e desenvolverem cada vez mais atividades *in loco*, expressando, portanto, ações de territorialidades. Fernandes (2005, p. 29) acrescenta que Enquanto a territorialização é resultado da expansão do território, contínuo ou interrompido, a territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas. Assim, a territorialização é o processo de expansão e/ ou construção de territórios, e a territorialidade seria a manutenção e a consolidação desses territórios, a partir das atividades sociais que buscam esse fortalecimento através das práticas diárias, do modo de vida e da organização dos sujeitos sociais envolvidos. A afetividade, identidade e ressignificação cultural contribuem para moldar a sua feição.

O território não se constrói apenas como relações de poder, mas também de identificação e afinidade com o espaço. A territorialidade se relaciona com o significado que as pessoas dão ao lugar. É aquilo – lugar– que nos pertence. Felício (2010, p. 23) nos coloca que “[...] o campesinato também constrói o seu território imaterial para disputar e defender o lugar e a importância na sociedade capitalista demonstrando que este não desapareceu, mas participa das discussões com o projeto ideológico”. As mezinheiras constroem e reafirmam o seu território material e imaterial, ao mesmo tempo em que também se inserem na paisagem do mesmo. O corpo, extensão do território, absorve vivências do espaço-tempo e vai

acumulando esses elementos territoriais. São práticas lúdicas que acontecem no intuito de reafirmar seus lugares. Wanderley (2009) expõe que o território camponês é um lugar de vida e de trabalho capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores.

Harvey (2004) expõe que os corpos são socialmente produzidos. É uma acumulação de memórias, experiência, relação de trabalho, relações sociais, relação com o ambiente. É um *locus* de significados e valores. É também um território resultado das experiências em um determinado espaço-território. Os corpos sociais desenvolvem suas práticas de sociabilidade, de poder, disputa, afetividade e amorosidade - a partir de experiências individuais e coletivas em seus territórios. Por exemplo, grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* fomenta e é fomentador de uma relação de retroalimentação em função de uma identidade e territorialidade e composição do lugar, os integrantes se conectam intimamente com o espaço onde cresceram; encontram propriedades naturais para desenvolverem a arte de curar e é onde desejam permanecer. É devido a essas questões que lhe são tão íntimas que a luta pela terra, a reivindicação pela posse, não deve ser esquecida, mas pensada e demandada insistentemente.

### **Entrelaçar do Tempo – A Memória Constituindo o Presente das Meizinheiras.**



**Figura 1- Dona Iraci. Fonte: Acervo particular da autora. Ano:2016.**

Outra questão importante percebida nas vivências com as meizinheiras é que essas mulheres têm pontos que as aproxima: são mulheres mais velhas; são mães, avós,

conselheiras da comunidade. Suas experiências de vida se revelam como referência nos cuidados com a saúde.

Beauvoir (1970), na obra *A velhice*, aponta que em algumas sociedades antigas a sabedoria dos mais velhos acerca da cura através de medicamentos naturais conferia-lhes um lugar de destaque. Eram tidos como sábios respeitados e tinham uma posição de poder graças a estes conhecimentos. A autora expõe que em algumas sociedades arcaicas respeitava-se os anciãos, pois são eles que transmitem as tradições; a memória dos antigos mitos lhes vale um grande prestígio, são os guias e os conselheiros da coletividade. Em outro momento da obra, a autora afirma que tanto a etnologia quanto a biologia mostram que a contribuição positiva dos idosos para a coletividade é a memória e a experiência de repetição, pois multiplicam as capacidades de execução e de julgamento.

Beauvoir afirma que em outras sociedades as pessoas mais velhas sofreram algum tipo de rejeição ou foram colocadas de lado: “[os] velhos representam um papel menor entre os povos que são suficientemente avançados para não acreditarem na magia e para não darem muita importância à tradição oral” (1970, p. 91).

São as mulheres mais velhas da comunidade Chico Gomes que dominam os saberes ancestrais sobre as plantas. Em diversos momentos de nossas conversas, as mezinheiras recordaram como apreenderam as práticas de cuidado de saúde. O aprendizado também está ligado às experiências pretéritas. Dona Penha explica como aprendeu a utilização de chás:

Na minha mocidade e quando adulta não íamos muito pra médico, nem tomávamos remédios, tudo se resolvia com as ervas. Minha vó sempre fazia um chazim quando távamos doente. As receitas tá tudo na nossa cabeça. Desde pequena eu observava a minha vó com seus cuidados com a gente. Se a gente tinha uma gripe, tomava banho de alfavaca e ficava no quarto (informação verbal).

Muitos relatos se unem, como uma colcha de retalhos. As memórias individuais e concepção de cada uma sobre o espaço que viveram na infância e juventude formam uma memória social sobre o uso das plantas medicinais da localidade.

Todas as receitas eu tenho na minha cabeça. Eu faço essas receitas porque via minha mãe fazendo. Eu não estudei, não sei ler, mas essas receitas eu tenho tudo em minha memória. Quando vejo meus filhos doentes, eu lembro do que minha mãe fazia. Deus me deu força, sabedoria e memória (informação verbal).

Bosi (1994), na pesquisa sobre lembranças e narração a partir das memórias dos mais velhos, coloca que o processo de recordar é uma tarefa que exige paciência para gerar a



reconstituição, existindo no sujeito plena consciência do que está realizando. Ao reconstituir o passado, este sofre influência do contexto atual. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (p. 46). Um instrumento importante para memória é a linguagem, sendo um canal da imagem lembrada com as imagens atuais. Ao narrar as experiências pretéritas, as mezinheiras afloram as raízes, o cerne dos saberes, colocam em exercício novamente o que vivenciaram, fortalecem esses saberes, e isso se torna uma prática educativa. A partir da oralidade são transmitidos os saberes, na grande maioria das vezes através de conversas informais.

As mezinheiras utilizam o mecanismo da oralidade para transmitir e legitimar os conhecimentos. Nesse sentido, Raffestin (1993) explica que a língua é um trunfo, um recurso, e por consequência está no centro de relações que são marcadas de poder. Um dos tipos de linguagem é a que está ligada às tradições culturais, orais ou escritas, e que asseguram a continuidade dos valores por uma referência sistemática às obras do passado. Mia Couto (2011, p. 11) explana que “[...] as línguas servem para comunicar, mas não apenas “servem”, transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser”. A linguagem se constitui como método importante para o processo ensino-aprendizagem destas agricultoras e para suas existências. É através da oralidade que as mezinheiras narram os aprendizados para os filhos e pessoas próximas. A linguagem institui também método de afirmação e de se colocar no mundo.

Este território faz ecoar as vivências de outrora e tem nas mulheres um canal para permanecerem vivas as experiências através das narrativas. Para Walter Benjamin, a prática de narração tem como canal a oralidade, é algo que vem perdendo espaço atualmente. Benjamin (1994) explica que narradoras são pessoas que sabem dar conselhos, e estes tecidos na substância viva da existência têm um nome: sabedoria.

Descrevem suas experiências e as experiências alheias, assimilando a sua essência. Dialogando com Benjamin, na obra *A sobrevivência dos vaga-lumes*, Didi-Hubberman (2014) faz um questionamento sobre se as práticas ditas populares e de resistência estariam prestes a desaparecer. Estariam elas sendo comprimidas pelos processos globalizantes? No transcorrer do texto, Didi-Hubberman responde aos questionamentos colocando que a experiência é algo indestrutível, “[...] mesmo que se encontre reduzidas às sobrevivências e as clandestinidades de simples lampejo” (DIDIHUBBERMAN, 2014). O que precisamos é estar atentos a esses pontinhos luminosos de experiências e resistências de culturas populares. Em

alguns momentos eles podem estar latentes, aparentar que desapareceram, mas em outras circunstâncias ressurgem com novidades reminiscentes. O que não devemos é perder a capacidade de enxergar essas experiências, escutar e aprender com elas.

As mezinheiras se apropriam dos conhecimentos comuns e lhes dão energia/ vida. Contudo, as agricultoras precisam que haja um interesse e confiança no que expressam. A narração precisa de ouvintes que vejam isso não mais como uma informação facilmente consumida e descartada. É preciso que as pessoas compreendam como algo digno de ser apreendido e sempre que necessário consultado, visto que cada vez que é usado, mais se torna rico e não se deteriora. O tempo e memória caminham juntos nessa prática de cuidado com a saúde, dialogando e compondo o presente. É na base das práticas ancestrais que encontramos o espaço aberto às respostas de nossas perguntas contemporâneas.

A reprodução deste saber popular está permeada de sentido, sentimentos, memória e criatividade, ao mesmo tempo em que o toque, a escuta e o acolhimento também está presente na forma como as mezinheiras desenvolvem as práticas populares de saúde. A afetividade é o que tece a relação mezinheira-paciente. São relações pautadas na responsabilidade com o outro e com a comunidade.

O saber cuidar é inerente às vivências das mezinheiras. A trama construída por elas perpassa o cuidado com o próprio corpo, a família e a comunidade, através da interação com a natureza. São ações de inclusão, integração e acolhimento. Em nossos encontros, as mezinheiras apontaram como significado para saúde: o bem-estar emocional, tranquilidade, a interação com a natureza, ausência de doença, ausência de dor, paz na comunidade, união na família, a oportunidade de trabalhar na terra, dançar o coco. As mezinheiras expressam costumeiramente que “Saúde é felicidade!”

O grupo das mezinheiras promove encontros para compartilhar e expandir os conhecimentos sobre o assunto. Os diálogos promovidos constroem espaços educativos. Nesses debates, elas percebem que é na ação cotidiana, nas articulações sociais, na valorização da cultura popular que elas mostram que é possível transformar o mundo delas. Na visão de Freire, significa impregnar o mundo de sua presença criadora, para isso é necessário ser tomado pela plena consciência da existência. Tendo a ferramenta o trabalho, é possível deixar marcas em nosso ambiente planetário.

Existir é um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. O domínio da existência é do trabalho,

da cultura, da história, dos valores. Uma pluralidade e criativa resposta a um desafio que se aponta (FREIRE, 1981, p. 53).

A partir dessas práticas, as mezinheiras estão (re) produzindo e ampliando um conhecimento que tem como base o pensamento popular. Nesse contexto de edificação desse saber, elas reafirmam o território, fortalecem a memória e ampliam a concepção de saúde. Constroem, ainda, uma prática educativa, de cunho popular, semelhante ao que é exposto pelos conceitos freirianos, pautando-se na consciência do inacabado, do conhecimento em constante construção, o que gera reflexões e mais curiosidade sobre o tema. É um saber pautado na experimentação, desenvolvido nas ações cotidianas, repleto de criatividade e de capacidade criadora. Esses conhecimentos fortalecem suas identidades de mezinheiras e de camponesas.

Nos encontros, o mencionado grupo das mezinheiras promove verdadeiras ações criativas libertadoras, de fortalecimento de culturas e, sim, de existência. Elas discutem sobre saúde, debatem a relação socioeconômica em que estão inseridas, trazem músicas, poesias, fatos vivenciados e produtos artísticos que fazem uma análise crítica da realidade. Os encontros transformam cada uma das integrantes. Nesses espaços elas constroem estratégias de lidar com a saúde para além do que é ofertado pelo sistema de saúde e farmacêutico hegemônico. Surge a reflexão de contemplar as riquezas que possuem, a troca e a transmissão de sabedoria ancestral que não se aprende em livros. Os encontros se constroem a partir das relações repletas de espiritualidade, afeto e organização popular. Dessa forma, tais encontros fortalecem, sobretudo, uma consciência política, cultural e socioambiental, gerando empoderamento diante das relações vivenciadas no território. Essas vivências ressignificam o cotidiano e as concepções de mundo, precisamente no que diz respeito à figura da mulher no campo.

## **Considerações finais**

O uso de plantas medicinais está estreitamente vinculado ao bem-estar e ao tratamento de diversas enfermidades, sendo também expressão de um legado cultural e saber popular de cada região.

O Cariri cearense é um local rico em biodiversidade, em cultura e práticas de saúde popular, tendo como agentes sociais, principalmente, mezinheiras, parteiras e rezadeiras, que estão presentes em várias localidades carirenses. O grupo *Mezinheiras do Pé*

*da Serra* é um exemplo disso. Propõe autonomia, sustentabilidade e uma saúde plena para a comunidade na qual está inserido. As experiências e saberes das mezinheiras do Cariri são particulares e, ao mesmo tempo, assemelha-se à cosmovisão de diversas práticas ancestrais das populações do campo e da floresta. Enunciam que as raízes das expressões de cuidado e de cura dos povos tradicionais se encontram, pois têm a mesma base: a natureza.

O conceito de saúde está para além da ausência de enfermidades: é a capacidade que temos de interagir, de transformar o mundo, o outro e a si mesmo. É a relação que estabelecemos com a natureza e com a sociedade. As experiências dessas mulheres agricultoras nos conduzem ao contato com nós mesmos e com as nossas origens ancestrais.

É nas práticas simples e no contato íntimo com as raízes culturais que podemos encontrar “pontos luminosos” para uma relação sustentável com a natureza, de equidade social e saúde plena para os nossos corpos.

São nos atos simples e sutis do dia a dia que observamos a presença dos processos sociais, históricos e culturais, assim como a força do conhecimento popular. Nas práticas de cuidado e da saúde desenvolvidos pelas mezinheiras do Cariri cearense, notamos a presença de resistências de um modo de vida que é repleto de sabedoria. O universo dessas mulheres revela o quanto é rico e denso o ato carregado de simplicidade de cultivar e utilizar plantas medicinais nas atividades cotidianas dos espaços rurais. Além disso, que a relevância de fortalecer as vozes e as afirmações das comunidades tradicionais para entendermos essa nova reconfiguração do escopo teórico e político da questão agrária brasileira.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Bruna Dayane Xavier de. **Raízes da cura**: Os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas mezinheiras do Cariri cearense. 2016. 166 p. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, PRODEMA, Universidade Federal do Ceará, 2016.

ARAÚJO, Iaperi de. **A medicina popular**. Natal: EDUFRN, 1999.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Martins, M. H. S. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAMARGO, M. T. Lemos A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil.** São Paulo: Ícone, 2014.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do Nordeste: superstições, credences e mezinhas.** Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CARVALHO, J. J. A voz subalterna e o olhar etnográfico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a05.pdf>

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: **E se Obama fosse africano? E outras intervenções.** São Paulo: Cia das Letras, 2011

FELÍCIO, M. J. O território imaterial do campesinato. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 5, n. 9, p. 18-32, fev., 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. **Revista NERA.** Presidente Prudente, ano 8, número 6, p. 14-34, janeiro/junho. 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa.** Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GUZMAN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de Camponês.** Brasília: Expressão Popular, 2005.

HARVEY, D. **Espaços de Esperanças.** São Paulo. Editora Loyola, 2006

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e a modernidade.** Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINS Jose de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.

MATOS, F. J de Abreu. **Farmácias vivas: Sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades.** 4ª ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é medicina popular?** São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.

PORTO-GONCALVES, C. W. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** 16ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

VASCONCELOS, M. O. **Curas através do Orún: rituais terapêuticos no Llé Yemanjá Sabá Bassami**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Antropologia. Recife, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.